

# Aula 6. Branquidade e negritude

---

A construção da identidade negra e a da negritude. A discussão sobre identidade branca e branquidade.

# Do passado ao presente

---

- ☐ Colonialismo
  - ☐ Imperialiasmo
  - ☐ Anti-colonialismo
  - ☐ Poscolonialismo
-

# Colonialismo e fortalecimento dos estados nacionais

---

- ❑ Até o século XIX, nação se refere à origem comum de um grupo estrangeiro; raça, por sua vez, se refere, por exemplo, a corporações profissionais [a raça dos sapateiros etc] País se refere ao território comunal de origem (país dos bretões, país dos bascos, país dos gascões); etnia sequer era usada e Estado se referia aos estamentos ou às ordens sociais do mundo sócio-político do Antigo Regime.
  - ❑ O século XIX vai unificar os termos nação + Estado + etnia.
  - ❑ Para Hobsbawn, para um Estado existir (enquanto Estado-nação) precisa possuir 4 traços que foram definidos pela Revolução Francesa:
  - ❑ território contínuo e demarcado por fronteiras legais reconhecidas;
  - ❑ exercer a autoridade diretamente e não por meio de corporações e estamentos autônomos, isto é, possuir unidade e centralização jurídica, política e administrativa;
  - ❑ ser reconhecido como povo soberano, isto é, uno, indiviso e autor de suas leis;
  - ❑ encontrar mecanismos de legitimação pelos quais a população seja leal aos governantes, o melhor instrumento para isto sendo a consulta periódica aos sujeitos, na qualidade de cidadãos que escolhem representantes e emitem opiniões em público.
-

# Os elementos protonacionais

---

- ❑ O Estado-nação inicia-se com um princípio de nacionalidade (a questão do território). Depois, fala-se em uma idéia nacional (língua, religião, raça iguais). Depois, em uma consciência nacional definida por um conjunto de lealdades políticas.
  - ❑ Para que o Estado se identifique com a nação, ele precisa de elementos protonacionais que fossem postos em movimento por ele como elementos nacionais. Esses elementos nacionais eram:
    - ❑ a língua
    - ❑ a religião
    - ❑ a consciência do pertencimento à comunidade
    - ❑ a etnia
  - ❑ Nenhum deles é protonacional originariamente mas é transformado em protonacional (ver Chauí, pág. 9).
  - ❑ O Estado os transforma em nacionais, ou seja, como se esses elementos fossem os constituintes da nação. Como se a existência deles definissem o Estado, o território.
  - ❑ O Estado produz a ideologia nacional e cria o Estado nação e o faz criando:
    - ❑ uma herança nacional;
    - ❑ uma tradição nacional;
    - ❑ uma história nacional;
    - ❑ uma educação nacional;
    - ❑ símbolos nacionais;
    - ❑ e através da invenção da etnia como raça biológica.
-

# Raça: o conceito central da nação

---

- ❑ O Estado faz isso mobilizando a classe média urbana e a elite intelectual para produzir o Estado nacional.
  - ❑ Por que, nesta construção ideológica, a etnia entendida como raça natural terá um papel central, desde o final do século XIX?
  - ❑ Por que:
  - ❑ há a urbanização moderna, produzindo, pela imigração e migração, uma diáspora sem precedentes e causando verdadeiro terror nos estratos mais tradicionais da classe dominante e nas classes médias;
  - ❑ há a democratização, levando a classe trabalhadora a organizar-se social e politicamente, pondo em dúvida a legitimidade do mercado e do Estado político e sobretudo exigindo a efetivação de seus direitos;
  - ❑ há a teoria darwinista da evolução das espécies e da sobrevivência dos mais aptos por seleção natural das raças melhores e superiores;
  - ❑ há o desenvolvimento dos estudos de genética, enfatizando os caracteres hereditários dos indivíduos e grupos.
  - ❑ Através da escola e das universidades, através da legislação sobre imigração e migração, através dos estratos cultos da pequena burguesia (professores, jornalistas de província, oficiais subalternos) que se sentem ameaçados pela democracia, pelos trabalhadores, pelos capitalistas e pelos imigrantes/migrantes, uma poderosa engenharia social e política fará da raça o conceito central da nação.
  - ❑ Agora, a língua se torna produto da raça e a reforça; a religião se torna produto da raça e a reforça; o pertencimento à comunidade de origem se torna produto da raça e a reforça. Com a raça produzindo a língua, a religião e a comunidade, está produzida a nação.
-

# Os mitos nacionais e as raças fortes

---

- ❑ Como as nações se formam? Com base nos mitos históricos (H. Arendt/Michael Banton).
  - ❑ Por que as nações se formam? O mundo liberal as define.
  - ❑ Mitos:
  - ❑ Espanha: descendiam dos godos (de nobreza natiga). Eram góticos. A expansão da Espanha cristã era a expansão da raça gótica.
  - ❑ França: os francos eram livres e nobres
  - ❑ Inglaterra: descendiam de Odin ou Woden – Rei Artur
  - ❑ Alemanha: os arianos
  - ❑ Mais história sobre os franceses:
  - ❑ Para o conde de Boulainvilliers – a história da França é a história de duas nações diferentes.
    - uma de origem germânica que conquistou os gauleses (seus habitantes mais antigos), nobres, por direito de conquista e que deve comandar pelo direito de obediência que é sempre devido ao mais forte.
    - Os gauleses
-

# Colonialismo, Imperialismo, Neocolonialismo

---

- ❑ O objetivo da compreensão da crítica poscolonial é associá-la com o momento do passado (e também do presente) que prefacia as críticas feitas pelas teorias multiculturais.
  - ❑ → Young, no capítulo 2 - O autor apresenta as diferenças básicas entre colonialismo e imperialismo e apresenta as formas de expressão do colonialismo
  - ❑ → No capítulo 3- O autor discute os sentidos da palavra imperialismo. Define o modo do imperialismo francês (assimilacionista), o britânico (associacionista) e o americano (a colônia tornada império).
  - ❑ → No capítulo 4- O autor define o que é o neocolonialismo e suas expressões por meio das teorias do desenvolvimento e da dependência, que também são criticadas
-

# A luta anti e pos-colonial

---

- ❑ → A crítica poscolonial ou tricontinental é unida por um consenso político e moral em torno do legado histórico do colonialismo ocidental (entre 1492 - 1945).
  - ❑ → Para Young e os críticos poscoloniais, haveria algo particular sobre o colonialismo que deveria ser investigado. Não se deve esconder o colonialismo sob o tapete da Modernidade. Isto porque a dominação continua por meio da dominação econômica introduzida no passado e no presente colonial
  - ❑ → Os defensores do colonialismo afirmam que ele pode ter trazido benefícios para a Modernidade. Mas é preciso ver o que trouxe em termos destrutivos para todas as culturas com as quais esteve em contato.
  - ❑ → A crítica poscolonial não teria sido a primeira a apontar os problemas éticos do colonialismo, mas teria sido a primeira a pesquisar as ramificações do colonialismo em ambas as sociedades colonizadas e colonizadores mostrando que os valores do colonizador se espalharam largamente incluindo a cultura acadêmica. O poscolonialismo faria uma conexão entre o passado e o presente.
-



# Vocabulário poscolonial

---

- ☐ - hibridismo
  - ☐ - estudos subaltermos ou da subalternidade
  - ☐ - descentramento
  - ☐ - descolocamento
-

# Estudos poscoloniais

---

- ☐ Movimentos anti-coloniais
  - ☐ Movimentos de libertacao das colonias- independencia
  - ☐ Pan-africanismo
  - ☐ Movimentos indigenas
  - ☐ Construcao da negritude
  - ☐ Gandhi, Fanon, Senghor ...
-

# Privilégio da brancura

---

- ❑ Piza, recuperando as discussões de Frankenberg sobre branquitude, afirma:
  - ❑ Frankenberg vai definir branquitude a partir do significado de ser branco, num universo racializado: um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros e a si mesmo; uma posição de poder não nomeada, vivenciada em uma geografia social de raça como um lugar confortável e do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não atribui a si mesmo [...] Muitos de nós, brancos, já experimentaram alguns desses traços de conforto, cuja característica mais evidente encontra-se na sensação de não representar nada além de nossas próprias individualidades. (PIZA, 2002, p. 71).
-

- 
- Essa autora enfatiza, por meio de exemplos, como os brancos podem e são pensados como indivíduos com direito a nome e a sobrenome e os negros (e descendentes de asiáticos, no caso brasileiro) são pensados como grupo. Dessa forma, a própria estrutura da discriminação racial calcada na construção de estereótipos sobre o que seria o negro dá a pauta para a construção de um projeto de identidade de grupo. Se a lógica da ideologia racista fez com que todos os negros fossem representados como raça inferior, a tônica da política da diferença será a de demonstrar/afirmar a positividade de todos os negros como um grupo unificado.
-

- 
- ❑ Piza afirma ainda:
  - ❑ É esta excessiva visibilidade grupal do outro e a intensa individualização do branco que podemos chamar de “lugar” de raça. Um “lugar” de raça é o espaço de visibilidade do outro, enquanto sujeito numa relação, na qual a raça define os termos desta relação. Assim, o lugar do negro é o seu grupo como um todo e do branco é o de sua individualidade. Um negro representa todos os negros. Um branco é uma unidade representativa apenas de si mesmo. Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais, para uns, e a neutralidade racial, para outros. As conseqüências dessa visibilidade para negros é bem conhecida, mas a da neutralidade do branco é dada como “natural”, já que é ele o modelo paradigmático de aparência e de condição humana. (PIZA, 2002, p. 72).
-

# Branquidade é:

---

- ❑ um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial
  - ❑ um ponto de vista, um lugar a partir do qual nos vemos e vemos os outros e as ordens nacionais e globais
  - ❑ um locus de elaboração de uma gama de práticas e identidades culturais, muitas vezes não marcadas e não denominadas, ou denominadas como nacionais ou normativas, em vez de especificamente raciais
  - ❑ comumente redenominada ou deslocada dentro das denominações étnicas ou de classe
  - ❑ Como lugar de privilégio, a branquidade não é absoluta, mas atravessada por uma gama de outros eixos de privilégio ou subordinação relativos; estes não apagam nem tornam irrelevante o privilégio racial, mas o modulam ou modificam
  - ❑ A branquidade é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais, não tem significado intrínseco, mas apenas significados socialmente construídos.
  - ❑ Nessas condições, os significados da branquidade tem camadas completas e variam localmente e entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis
  - ❑ O caráter relacional e socialmente construído da branquidade não significa, convém enfatizar, que esse e outros lugares raciais sejam irreais em seus efeitos materiais e discursivos. (Frankenberg, p. 310)
-

# O movimento da negritude

---

- ❑ W.E.Du Bois (Kabe, p. 36-37)
  - ❑ Direitos civis nos EUA – Luther King e Malcon X
  - ❑ Leopoldo Sedar Senghor, Aimé Césaire e a negritude francesa, Cheikh Anta Diop
  - ❑ Objetivos da negritude:
    - buscar o desafio cultural do mundo negro (a identidade negra africana)
    - Lutar pela emancipação de seus povos oprimidos
    - Lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização não universal como a extensão de uma regional imposta pela força – mas uma civilização do universal, encontro de todas as outras, concretas e particulares (kabe, p. 42).
-

# Cor política

---

- ❑ A autora discute a construção do sujeito político “negro”, na Grã-Bretanha, por meio da criação da “cor política”.
  - ❑ O conceito de “negro” surgia como um termo especificamente político envolvendo pessoas africanas-caribenhas e sul-asiáticas. Ele constituiu um sujeito político inscrevendo a política de resistência contra racismo centrado na cor. [...] Evitando o “cromatismo” – a base de diferenciação entre negros segundo o tom mais claro ou mais escuro da pele – “negro” tornou-se uma cor política a ser afirmada com orgulho contra racismos fundados na cor. (BRAH, 2006, p. 333).
  - ❑ Nesse caso, a diferença se configura como relação social por meio da qual as trajetórias históricas “produzem as condições para a construção das identidades de grupo” (BRAH, 2006, p. 363). Para Brah, escravidão, imperialismo, colonialismo são invocados em busca de experiências coletivas compartilhadas, inspirando o sentimento de comunidade. Essa comunidade é a comunidade política, não necessariamente geográfica.
-



# Essencializações

---

- ❑ O que me incomoda na construção identitária é exatamente o reforço contínuo das marcas visíveis. Obviamente, seria difícil pensar em como construir um projeto político contrário à discriminação racial, sem que ele se pautasse na desconstrução da ideologia racista e suas ramificações em estereótipos por meio dos quais todos os negros são agrupados: o negro, a raça negra. Seria necessário demonstrar, como já foi dito, que não existem raças e que esse agrupamento é falacioso (aliás, o que tem sido feito por todos os discursos anti-racistas). Todavia, o processo de desconstrução da ideologia racista quase sempre tem resultado na construção de outros modelos de “ser negro” apoiados em valores de uma identidade fixa. Isso também não deixa de ser problemático, na medida em que essa identidade cristaliza características e valores que também valeriam para todos os negros. Seria uma inversão de sinal de um grupo negativo para um grupo positivo, no geral.
  - ❑ Avtar Brah nos auxilia a compreender a complexidade do problema, ao considerar o essencialismo como um risco para os movimentos sociais. Uma essência que transcende a história e a própria cultura na qual foi engendrada, mas se torna “necessária” para a articulação política, para a construção de sujeitos políticos que não existem como um dado, mas são produzidos no discurso.
-

# Questão da aula

---

- ☐ Teria sido possível a luta contra a opressão colonial sem a construção do movimento da negritude e os movimentos dos povos indígenas, os movimentos das mulheres?
-